

## **GEARTE 25 anos: interlocuções entre a educação básica, a universidade, a pesquisa e o universo imagético**

Rosana Fachel de Medeiros 

(Secretaria Municipal de Educação — SME, Canoas/RS, Brasil)

**RESUMO — GEARTE 25 anos: interlocuções entre a educação básica, a universidade, a pesquisa e o universo imagético** — Neste texto apresento algumas das pesquisas que venho desenvolvendo no contexto de minha atuação como docente na disciplina de Artes, as quais têm em comum o universo imagético e partem tanto de atividades que incentivam a leitura crítica de diferentes imagens quanto da própria proposição de produção de imagens. Minha participação no GEARTE foi e ainda é fundamental para a constante atualização de meu olhar enquanto professora/pesquisadora. Seguir pesquisando me aproxima, dia a dia, da docente que quero ser, me levando a constatar e, constatando, me levando a intervir e intervindo, busco educar meus alunos, alunas e a mim mesma (FREIRE, 1997).

### **PALAVRAS-CHAVE**

Educação Básica. Universidade. Aulas de Artes. Visualidades.

**ABSTRACT — GEARTE 25 years: dialogues between basic education, the university, research and the universe of images** — In this text I present some of the research that I have been developing in the context of my work as a teacher in the discipline of Arts, which have in common the imagetic universe and are based both on activities that encourage the critical reading of different images and on the production proposition itself. of images. My participation in GEARTE was and still is fundamental for the constant updating of my perspective as a teacher/researcher. Continuing to research brings me closer, day by day, to the teacher I want to be, leading me to be aware and, by noting, leading me to intervene and, intervening, I seek to educate my students and myself (FREIRE, 1997).

### **KEYWORDS**

Basic Education. University. Art classes. Visualities.

**RESUMEN — GEARTE 25 años: diálogos entre la educación básica, la universidad, la investigación y el universo de las imágenes** — En este texto presento algunas de las investigaciones que vengo desarrollando en el contexto de mi trabajo como docente en la disciplina de las Artes, las cuales tienen en común el universo imagético y se basan tanto en actividades que fomentan la lectura crítica de diferentes imágenes cuanto en la propia propuesta de producción de imágenes. Mi participación en GEARTE fue y sigue siendo fundamental para la constante actualización de mi perspectiva como docente/investigadora. Seguir investigando me acerca, día a día, de la maestra que quiero ser, llevándome a ser consciente y, al notar, llevándome a intervenir y, interviniendo, busco educar a mis alumnos, alumnas y a mí misma (FREIRE, 1997).

### **PALABRAS-CLAVE**

Educación Básica. Universidad. Clases de Arte. Visualidades.

Início este texto externalizando a minha alegria por fazer parte deste momento de comemoração dos 25 anos do GEARTE, grupo tão potente e importante para a Arte Educação do nosso país, que congrega pesquisadoras e pesquisadores de diferentes regiões do Brasil e do mundo, caminhando lado a lado na luta pela qualidade do ensino da arte em diferentes níveis de escolarização e espaços culturais.

Eu era estudante de Pedagogia quando ingressei no GEARTE, em 2002, como bolsista de iniciação científica da professora Dra. Analice Dutra Pillar. E continuei fazendo parte desse grupo de pesquisa durante toda minha formação acadêmica – desde o curso de especialização em educação infantil e primeiro ano do ensino fundamental (2007), chegando ao mestrado com a pesquisa “Bob Esponja: produções de sentido sobre infâncias e masculinidades” (2010) que foi seguido pelo doutorado com a tese “Os adolescentes e os aparelhos celulares: visualidades contemporâneas” (2018) e, culminado, com o estágio de pós-doutorado concluído em 2020 – toda vinculada à Faculdade de Educação da UFRGS.

Durante a realização do mestrado, no ano de 2009, assumi o cargo de professora na Rede Municipal de Ensino em Canoas/RS. Desde então, minhas pesquisas têm sido realizadas com estudantes da educação básica a partir de propostas realizadas durante as aulas ministradas por mim na disciplina de Arte.

Na publicação em homenagem aos 21 anos do GEARTE escrevi detalhadamente sobre cada um dos projetos que participei como bolsista de iniciação científica na graduação e das pesquisas que realizei no mestrado e no curso de doutorado, todas vinculadas ao GEARTE. Para não me tornar repetitiva, neste texto falarei sobre a minha participação como pesquisadora e coordenadora de grupo de estudos no projeto “Saberes em Diálogo” e, também, mencionarei a pesquisa comparatista que realizei no estágio pós-doutoral com minhas alunas e alunos da educação básica e com estudantes do quinto semestre do curso de Pedagogia.

O projeto Saberes em Diálogo foi um programa de formação continuada para docentes da educação básica desenvolvido pela rede municipal de ensino de Canoas/RS em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle. Essa proposta de formação teve como intenção ser um canal de divulgação das pesquisas que estavam sendo realizadas pelas professoras e professores (em nível de pós-graduação), e, além disso, teve como objetivo estimular mais docentes a desenvolverem pesquisas em sala de aula.

Particpei desse projeto durante seus quatro anos de duração (2017-2020). Nos dois primeiros anos como professora pesquisadora e nos dois últimos, além de apresentar pesquisas realizadas com minhas alunas e alunos dos anos finais, participei da coordenação, juntamente com duas professoras da rede, do grupo de estudo “Identidades e diversidades”. Esse grupo englobava pesquisas sobre educação antirracista e sobre feminismo.

Os grupos de estudos eram organizados por temáticas e as professoras e professores interessados em participar das discussões escolhiam o grupo que mais estivesse de acordo com algum assunto de seu interesse. Depois disso, eram organizados encontros mensais para que cada participante apresentasse o andamento da sua pesquisa e, em conjunto, as temáticas eram debatidas e analisadas. No final de cada ano eram organizados seminários municipais e, que cada participante apresentava suas pesquisas para a comunidade de profissionais da rede – momentos riquíssimos de trocas entre a experiência da docência e a da pesquisa.

Na sua última edição, em 2020, o seminário municipal foi realizado on-line devido a pandemia de COVID-19, formato que possibilitou a ampliação do número de participantes tanto de pessoas interessadas em apresentar suas pesquisas quanto de ouvintes. Por intermédio das telas também foram realizados os encontros dos grupos de estudos e as reuniões ampliadas em número de participantes.

Além disso, organizamos, mediamos e transmitimos via YouTube duas jornadas pedagógicas: “A ancestralidade na sala de aula: outros olhares para a temática indígena na escola” e “Por uma educação antirracista: identidades e cultura afro-brasileira no contexto escolar”. São dois temas extremamente necessários e urgentes na defesa de uma escola democrática e igualitária, uma vez que, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para as Relações Étnico-Raciais, “as formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades e discriminações correntes na sociedade perpassam por ali” (2004, p. 14). Nesse sentido fica evidente a necessidade de propostas de formação continuada de docentes e a realização de pesquisas com essas temáticas. Os dois momentos de formação foram muito bem avaliados pelas pessoas participantes. Ambos os vídeos permanecem disponíveis no canal “Formação de Professores SME/Prefeitura de Canoas” no YouTube e, juntos, já alcançaram mais de 3.100 visualizações.

Os participantes do projeto também puderam participar de oficinas que foram oferecidas para auxiliá-los em diferentes etapas das suas pesquisas. Eu e um colega da rede ministramos a oficina “Medo de apresentar em público: como organizar uma apresentação” com a intenção de auxiliar as pessoas participantes dos grupos de estudos a sistematizarem as suas falas de forma objetiva e clara, assessorando também na montagem e organização de seus powerpoints – quanto o tipo e o tamanho da fonte, a quantidade de texto, quais informações deveriam ser destacadas, a utilização das cores e imagens etc.

A oficina mostrou-se relevante, tendo em vista que muitas professoras e professores estavam ingressando na pesquisa pela primeira vez, após concluírem suas formações em algum dos cursos de licenciatura. Por esse motivo, muitos deles estavam inseguros com o fato de terem de apresentar suas pesquisas. Não tenho dúvidas que a minha experiência como pesquisadora desde a graduação foi fundamental para que eu tivesse subsídios para poder auxiliar os colegas na sistematização das suas pesquisas.

Essa proposta de formação continuada estimulou a comunidade docente da rede de Canoas/RS à sua atuação como protagonistas de ações conjuntas de docência, pesquisa e autoformação. Um movimento extremamente importante que, infelizmente, não teve continuidade com a troca de governo no município. Uma inestimável perda para o município, ainda mais, se levarmos em consideração as ponderações de Marli André (2016) sobre o ato de pesquisar como formador de pessoas autônomas, que sejam capazes de formular opiniões e ideias próprias e que tenham subsídios para ler criticamente a realidade de seu contexto de atuação, sabendo buscar alternativas que auxiliem no entendimento dos acontecimentos e, assim, buscar os melhores direcionamentos para a atuação dentro desta realidade.

Se a união entre docência e pesquisa oportuniza colocar em discussão os reais desafios presentes no espaço escolar, Silva e Machado (2018) afirmam que uma ação formadora docente deve estar intimamente articulada com a realidade dos problemas educacionais práticos da escola. Assim, essa deve ser uma preocupação das equipes gestoras e das pesquisas na área. No entanto, o que se percebe é uma certa fragilidade em iniciativas que rompam com modelos engessados de formação centrados na reprodução de falas de pesquisadoras e pesquisadores consagrados que, muitas vezes, nunca deram aula para turmas de educação básica.

Concomitantemente à minha participação no projeto Saberes em Diálogo, continuei ministrando aulas para turmas de anos finais e problematizando as propostas desenvolvidas durante nossos encontros, algumas dessas, compartilhadas na forma de artigos publicados em revistas nacionais e internacionais.

Na edição especial e comemorativa dos 21 anos do GEARTE (2009), publiquei na Revista GEARTE o artigo “O caminho percorrido por mais uma GEARTEana: a docência e a pesquisa, trajetórias convergentes”, no qual

apresento minha trajetória como professora/pesquisadora, desde a graduação até o ano de 2018, e mencionei os projetos de pesquisa que participei como bolsista e as pesquisas que realizei no curso de mestrado e doutorado dentro da temática: educação e artes visuais.

No ano de 2020, publiquei três artigos decorrentes de minhas pesquisas, sendo dois recortes da minha tese de doutorado (2018). O primeiro, na *Revista Científica de La REDECOM*, da Universidade Nacional de La Plata, com o título “‘Curte, que eu chamo’: publicações e interações de adolescentes no Facebook”, em coautoria com a Profa. Analice Pillar, minha orientadora de doutorado. Nesse texto problematizamos a forma como os adolescentes se mostram nas redes sociais e as estratégias que utilizavam em busca de curtidas e comentários em suas publicações imagéticas, principalmente as *selfies*.

O segundo texto, “‘Queda livre’ e as interações dos adolescentes nas redes sociais: algumas aproximações”, apresenta uma pesquisa na qual analisamos o episódio “Queda livre” (2016) da série *Black Mirror* (2011) e comparamos a relação da protagonista da série com uma rede social com as interações de adolescentes canoenses no Facebook. Esse texto está disponível para leitura na versão digital da *Revista Communitas*. Essa publicação também contou com a parceria da Profa. Analice Pillar.

O artigo “Aulas de Arte em tempos de pandemia e atividades remotas: como manter o vínculo do professor com os alunos, e dos alunos com a disciplina?” foi publicado pela *Revista Científica Educ@ção* ainda em 2020, no qual abordo a experiência das aulas durante o tempo em que as escolas estiveram fechadas para evitar uma maior disseminação do vírus da COVID-19, uma vez que o ensino mediado por telas foi extremamente desafiador para docentes e discentes, bem como para as suas famílias. Nesse texto apresento a forma como trabalhei com a disciplina de Arte durante o ensino remoto utilizando o Facebook, o Instagram e o Google Sala de Aula – diferentes canais de comunicação acionados com propostas

leves que eu acreditava que seriam atrativas tanto para as alunas e alunos quanto para as suas famílias. Essas atividades foram bastante diversas e envolveram desde o convite para assistir e produzir audiovisuais até propostas de construções tridimensionais com materiais recicláveis. O retorno de alunas e alunos, que conseguiram acessar as postagens, foi muito satisfatório e houve muitos relatos do envolvimento de familiares durante a realização das propostas.

Ainda em 2020, finalizei o estágio de pós-doutorado sob a supervisão da Prof. Analice Pillar. Durante o estágio ministrei, como professora colaboradora, a disciplina do quinto semestre da grade curricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), “Educação e Artes Visuais”. O caráter prático e teórico da disciplina permitiu tanto a realização de experimentações práticas – envolvendo diferentes propostas de criação como: desenho, pintura e recorte e colagem – quanto discussões teóricas a respeito do ensino da arte na educação básica e sobre a leitura crítica das imagens que nos cercam. Esse tema é fortemente defendido por muitas das pesquisadoras da área da Arte e Educação, como Ana Mae Barbosa (2005), Analice Pillar (2001), Maria Helena Rossi (2003) e Ana Claudia de Oliveira (2008), mas também é importante mencionar que o nosso patrono da educação brasileira, Paulo Freire (1995), já dizia que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Assim, a leitura crítica do universo imagético é imprescindível para a constituição de cidadãos críticos, uma vez que a educação por imagens é diária.

Neste sentido, em minhas aulas sempre busco apresentar diversificados tipos de imagens, desde imagens da mídia até imagens de obras de artes. Perspectiva de atuação que creio haver evidenciado por meio de algumas das pesquisas que já mencionei nesse texto e que, também, acredito ficar explícita em minha escolha de, por exemplo, levar os memes que circulam na Internet para a discussão/criação em sala de aula. Os memes são imagens ou vídeos curtos que a partir, especialmente, do humor apresentam mensagens rápidas e de fácil

compreensão. Na internet esse termo é bastante conhecido e faz referência ao fenômeno de viralização de um vídeo ou de uma imagem entre usuários.

Nessa atividade específica, meu interesse era desafiar estudantes do primeiro ano dos anos finais e, depois, da universidade à autoria de memes para, posteriormente, analisá-los comparativamente. Essas duas experiências resultaram na escrita do artigo “Os memes dizem o que quero dizer’: Interloquções entre os memes criados por adolescentes na escola e por alunos na universidade” (2022), publicado pela *Revista Textura*. Foi interessante perceber que mesmo se tratando de estudantes em diferentes níveis de escolarização suas produções se mostraram bastante semelhantes. Ambos os grupos fizeram referência ao ambiente educacional e trouxeram o humor para as suas criações.

“Artes Visuais na Pedagogia: atelier de criação de bonecos de pano” (2021) foi o título do artigo que escrevi juntamente com a Profa. Analice Pillar para a *Revista GEARTE*. Nesse artigo, relatamos a experiência de construção de bonecos e bonecas durante a disciplina “Educação e Artes Visuais”. Proposta de criação que se contrapõe ao processo de fabricação em larga escala da indústria de produção e de consumo de brinquedos, fomentado, sobretudo, pela publicidade que transforma esses produtos em objetos de desejo das crianças, os quais, em sua grande maioria, apresentam modos de ser extremamente normatizados. A construção de bonecas e bonecos de pano é uma possibilidade de criação singular pois possibilita que sejam apresentados diferentes tipos de corpos, tons de pele e etnias, dando visibilidade à diversidade presente na população brasileira para além de bonecas como a Barbie, para mencionar um exemplo emblemático.

Já em 2022, também na *Revista GEARTE*, publiquei o texto “22 em 22: o centenário da Semana de Arte Moderna pelos ‘olhos’ da Abordagem Triangular”, no qual apresento um projeto que está em desenvolvimento na escola onde trabalho, que tem como objetivo discutir o centenário da Semana de Arte Moderna de 22 com a problematização da data e com criações artísticas inspiradas em alguns pintores



e pintoras modernistas. O encerramento deste projeto acontecerá com uma exposição de arte que contará com a exibição de alguns dos trabalhos realizados em sala de aula e com a realização de uma performance inspirada na obra *A boba* (1915-1916), de Anita Mafaliti (1889-1964), por duas alunas do nono ano.

Como ficou evidenciado neste texto, todas as pesquisas docentes que venho desenvolvendo em sala de aula com estudantes têm as imagens como ponto de confluência, seja como objeto de investigação ou como resultado das atividades propostas, sejam elas imagens em movimento, como foi o caso quando levei um episódio da série *Black Mirror* para a discussão em sala de aula, ou imagens fixas como quando propus a criação de memes, por exemplo.

O fascínio em relação às imagens me acompanha desde a minha primeira participação como bolsista de iniciação científica no início dos anos 2000 e segue fazendo parte da minha prática como professora e pesquisadora. Parte desse encantamento se deve ao poder que as imagens têm para educar mesmo que de forma inconsciente. As imagens não apenas informam ou ilustram, elas também educam e produzem conhecimento. A partir desse entendimento em relação aos ensinamentos proporcionados pelas imagens, Kellner (1995) argumenta ainda que ler criticamente implica aprender a apreciar, a decodificar e a interpretar as imagens, analisando tanto a forma como elas são construídas e operam em nossas vidas, como o conteúdo que comunicam em diferentes situações. Por isso, a importância de instigarmos e aparmamentarmos os olhares de nossas alunas e alunos, acreditando, em consonância com Cao, que é nosso papel “ensinar nossos alunos e alunas a analisar, desconstruir e contemplar as imagens, sejam elas artísticas ou de outra natureza, fixas ou móveis, bi ou tridimensionais” (2008, p. 73).

Essa atenção às imagens torna-se ainda mais necessária, atualmente, quando a grande disseminação das tecnologias digitais torna ainda mais efetivo o acesso às mais diversificadas imagens, como destacam Santos e Mendes: “os novos meios de comunicação e as tecnologias digitais possibilitam muitos jovens

a lidarem diariamente com imagens, vídeos e textos multimodais, o que altera a forma como interagem entre si, e o modo como se acostumam a aprender coisas novas” (2020, p. 32).

As imagens são modos transculturais de comunicação, representações impregnadas de significados. Em entrevista concedida para o jornal *Zero Hora*, Karnal afirma que o mundo é feito por imagens e que por isso é necessário que todas as instituições alfabetizem em imagens, pois “achar que alguém que está vendo imagens não está lendo é um paradigma ultrapassado de alfabetização” (2019). Concordo com o autor, no entanto, é importante lembrarmos que muitas vezes essa leitura é apressada, descuidada e não problematiza os estereótipos presentes em muitas imagens, acabando assim, seguidamente, por reforçá-los. Neste sentido, reitero o importante papel que professoras e professores exercem ao levarem diferentes tipos de imagens para dentro das salas de aulas e problematizá-las juntamente com suas alunas e alunos.

### **Pesquisa e docência, docência e pesquisa: últimas considerações**

Neste texto procurei apresentar algumas das minhas experiências como professora/pesquisadora e pesquisadora/professora. Revisitar as aulas que ministrei, as pesquisas que tenho desenvolvido e a minha atuação como formadora evidenciou o importante papel que o contato com a pesquisa, desde os primeiros semestres da graduação, teve e tem em minha vida profissional. Permanecer pesquisadora me mantém uma professora atenta a cada intervenção de minhas alunas e alunos, a cada trabalho realizado, e sempre buscando problematizar, repensar e reestruturar minha prática docente, pois acredito que o ato de educar deve estar sempre acompanhado do ato de aprender.

E, assim, é colocado em prática o conceito de “aluno permanente”, utilizado por Karnal (2019), pois, de acordo com o autor, é fundamental que professoras e professores continuem aprendendo. Dentro dessa conjuntura é importante que professoras e professores estejam constantemente buscando por formação e que,

com mais subsídios, problematizem seu fazer docente. Nessa direção, parafraseio Paulo Freire (1997) para reiterar que é fundamental que quem ensina, pesquise para constatar e que, ao constatar, intervenha e, intervindo, eduque e, conseqüentemente, se eduque também.

Finalizo este texto agradecendo mais uma vez pelo convite a integrar esse livro comemorativo dos 25 anos do GEARTE e desejando vida longa ao grupo, pois a luta pela valorização da pesquisa e do ensino da arte deve ser incansável e diária.

## Referências

- ANDRÉ, Marli. A formação do pesquisador da prática pedagógica. *Plurais, revista multidisciplinar*, v. 1, n. 1, p. 30-41, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/plurais/article/view/2300/1605>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BRASIL. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação. SECAD; SEPPIR, jun. 2009.
- CAO, Marián López Fernández. Educar o olhar, conspirar pelo poder: gênero e criação artística. In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (org.). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Edições SESC SP, 2008. p. 69-86.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- KARNAL, Leandro. Em evento sobre o ensino superior Leandro Karnal destaca a inversão de papéis entre professores e alunos. *Zero Hora*. Porto Alegre, ago. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2019/09/em-evento-sobre-ensino-superior-leandro-karnal-destaca-a-inversao-de-papeis-entre-professores-e-alunos-ck111rg1400dr01n3mue3mp4o.html>. Acesso em: 11 ago. 2022.
- KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 104-131.
- MEDEIROS, Rosana Fachel de; PILLAR, Analice Dutra. Queda livre e as interações dos adolescentes nas redes sociais: algumas aproximações. *Revista Communitas*, v. 4, n. 7, p. 79-90, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/3022>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- MEDEIROS, Rosana Fachel de. Aulas de artes em tempos de pandemia e atividades remotas: como manter o vínculo do professor com os alunos, e dos alunos com a disciplina? *Revista Científica Educ@ção*, v. 4, n. 8, p. 956-976, 2020. <https://doi.org/10.46616/rce.v4i8.118> Disponível em: <https://periodicosrefoc.com.br/jornal/index.php/RCE/article/view/118/101>. Acesso em: 9 ago. 2022.

MEDEIROS, Rosana Fachel de; PILLAR, Analice Dutra. Curte, que eu chamo: publicações e interações de adolescentes no Facebook. *RevCom*, v. 10, p. e036, 2020. <https://doi.org/10.24215/24517836e036>. Disponível em: <https://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/revcom/article/view/6419>. Acesso em: 8 ago. 2022.

MEDEIROS, Rosana Fachel de. O caminho percorrido por mais uma GEARTEana: a docência e a pesquisa, trajetórias convergentes. *Revista GEARTE*, v. 6, n. especial, p. 154-164, 2019. <https://doi.org/10.22456/2357-9854.92180>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/92180>. Acesso em: 10 ago. 2022.

MEDEIROS, Rosana Fachel de. “Os memes dizem o que quero dizer”: Interlocuções entre os memes criados por adolescentes na escola e por adultos na Universidade. *Textura*, ULBRA, v. 24, n. 59, p. 248-266, 2022. <https://doi.org/10.29327/227811.24.59-11>. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/7054>. Acesso em: 11 ago. 2022.

MEDEIROS, Rosana Fachel de. 22 em 22: o centenário da Semana de Arte moderna pelos “olhos” da Abordagem Triangular. *Revista GEARTE*, v. 9, p. 1-16, 2022.

PILLAR, Analice Dutra; MEDEIROS, Rosana Fachel de. Artes Visuais na Pedagogia: atelier de criação de bonecos de pano. *Revista GEARTE*, v. 8, n. 2, p. 415, maio/ago. 2021. DOI: 10.22456/2357-9854.117505. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/117505>. Acesso em: 10 ago. 2022.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. Interação nas mídias. In: PRIMO, Alex. et al. *Comunicação e interação*. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 27-42.

PILLAR, Analice Dutra. *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 2001.

ROSSI, Maria Helena W. *Imagens que falam: leitura da arte na escola*. Porto Alegre: Mediação, 2003.

SANTOS, Francisco Roberto da; MENDES, Wellington Vieira. Multimodalidade e leitura crítica de imagens: análise de livros didáticos de línguas estrangeiras. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 10, n. esp., 29-49, ago. 2020. <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-9esp1725>. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1725>. Acesso em: 5 ago. 2022.

SILVA, Gilberto Ferreira da; MACHADO, Juliana Aquino. Saberes em diálogo: a construção de um programa de formação docente em uma rede municipal de ensino. *Revista Iberoamericana de Educación*, v. 77, n. 2, p. 95-114, 2018. <https://doi.org/10.35362/rie7723161>. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/3161>. Acesso em: 5 ago. 2022.

### Rosana Fachel de Medeiros

Professora de Arte na rede municipal de ensino em Canoas-RS. Especialista em Educação Infantil, mestre, doutora, com estágio de pós-doutoramento em Educação e Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU-UFRGS).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2960-8517>

E-mail: [zanafachel@yahoo.com.br](mailto:zanafachel@yahoo.com.br)

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4118891501254247>

Recebido em 11 de setembro de 2022

Aceito em 12 de novembro de 2022

